

Texto sobre *O caminho do Sol*, 2023

Eliane Mendes (curso de História, UEMG Passos)
Alexsandro de Sousa e Silva (orientador, UEMG Passos)




 [Caminho do Sol do @nucleovamos](#)

 Foto: [@correacarlina](#)

 Edição: [@karlmarxvegano](#)

 21 de Julho de 2023

 Teatro Gustavo José Lemos

O espetáculo teatral *O caminho do Sol* foi encenado pelo coletivo Vamos, de Vinhedo (SP), para o 7º Festival Nacional de Teatro de Passos e região. Peça contou com a direção de Ana Luiza Geraldini e Maria Clara Teixeira, e com a atuação no palco de um grupo de doze integrantes, sendo majoritariamente feminino, sendo cinco pessoas socialmente vistas como negras. Uma parte do grupo revezou entre o centro do palco, com coreografias e diálogos, e a trilha musical, com cantos, instrumentos de percussão, violino, contrabaixo e violão. A equipe técnica deu o suporte necessário com a iluminação, aspecto explorado ao longo do relato. Desde a entrada do público no recinto, o coletivo fez alguns aquecimentos vocais e corporais em círculo, preparando o público para a peça.

As cenas, denominadas de trechos, são divididas de acordo com cada caminho transcorrido, carregado de perigos, ambição e morte em decorrência do real motivo que os

exploradores europeus queriam alcançar, ou seja, o ouro que brilha como Sol. O figurino possui cores predominantemente terrosas, cinza, preto e azul escuro, confeccionado com malha de algodão, calças estilo bombacha, blusas, macacões e pouca maquiagem.

“O caminho se faz caminhando”. A frase ecoa por todo o relato cênico. Da entrada ao espaço do teatro, sons de natureza na entrada do público ao teatro iniciaram a construção de uma sonorização da vida na floresta. Destaque para o “pio artesanal”, instrumento de sopro usado por uma das integrantes do elenco que reproduz com exatidão o som do canto dos pássaros. O coletivo desce rumo ao palco inspirado na canção “Peabiru” de Almir Sater, e assim, com uma belíssima letra, o coral inicia o espetáculo sobre o Caminho do Peabiru, mote do texto da encenação.

Peabiru é um termo em tupi a respeito de uma trilha que liga o Oceano Atlântico ao interior da Abya Yala (América), podendo chegar ao Oceano Pacífico. Mencionam-se algumas cidades por este caminho, desde São Sebastião, passando por Vinhedo, depois Cuzco e chegando à cordilheira dos Andes. O caminho era conhecido pelos povos indígenas antes mesmo, segundo os diálogos em cena, dos Inca. A rota daria acesso ao Sol, segundo os relatos, e tal destino é mencionado frequentemente. O primeiro diálogo da peça se dá justamente pelas variadas versões a respeito do Caminho.

A certa altura, narra-se a chegada de europeus, náufragos em Santa Catarina. O som de ondas do mar são reproduzidos pelo *ocean drum* (tambor oceânico), e o coletivo simula ser grupo de europeus enfermos em alto mar. A menção a Aleixo Garcia ecoa em boa parte da trama. Aleixo foi um personagem histórico, parte de uma expedição encarregada do século XVI de explorar o Rio da Prata, depois atacada pelos guarani e, no retorno à Espanha, a embarcação naufragou na atual Ilha de Florianópolis (SC). Esta cidade, assim como Cananeia (SP), foi uma das ramificações do Caminho. Anos depois, o naufrago organizou a expedição com um grupo dos guarani para explorar pedras preciosas, em especial no território dos incas, movido pela febre do ouro e o mito do *El Dorado*. Tempos depois, há menção a outro explorador, Pedro Lorenzo. A presença europeia na Abya Yala marca uma virada na narrativa, com maior atenção às pedras preciosas e alguns conflitos entre povos indígenas no trajeto.

Apesar desse relato com protagonismo europeu, a peça destaca os movimentos dos povos originários. Diversas falas ressaltam a ligação com a terra, em especial pelo espaço que conhecemos como o estado de São Paulo. Importante afirmar que esta porção de terra era predominantemente indígena. Com a cobiça europeia por ouro e prata, alguns povos chegaram a se enfrentar, como foi o caso dos guarani com Tawantsuyu, conhecido como o

“império inca”. Dois grupos parecem brincar com paus em momento anterior, mostrando a harmonia entre os povos, porém depois, sob forte intervenção sonora de tambores, há um conflito com atores e atrizes batendo com os mesmos instrumentos no chão. A expressão corporal do Grupo Vamos é um destaque à parte.

Os atores mostram grande desempenho no palco baseado nos movimentos, ora tranquilos, ora tensos, exibindo um grande condicionamento físico em cena. Mesmo a atriz com prótese na perna participa do movimento geral, mostrando a destreza e a habilidade das pessoas com deficiência em seu devido lugar no palco. Os discursos, intercalados por alguns atores e atrizes, enfatizam a exploração devastadora dos europeus sobre as terras e o elo dos indígenas com o meio. Ao final da encenação, o coletivo retorna o trajeto inicial, simulando estarem na cidade grande vendendo produtos como camelôs, mostrando o saldo dos séculos de exploração europeia sobre estas terras. Não há mais cantos, coros, harmonia coletiva, senão uma massa de explorados que segue seu caminho pela sobrevivência.

Com base em perdas em prol dos desbravadores, os povos indígenas tiveram que lutar por seu devido espaço, encampar uma luta que não era sua, atuar em batalhas que só lhes fizeram perder vidas e raízes. A história de Caminho do Sol remete a essa questão indígena, onde o branco quer o “Sol”, o ouro e o comércio explorador, e os povos originários querem a “Vida” que o Sol traz, tanto na terra, no ar e nas águas.